

DOENÇAS E OUTROS AGRAVOS À SAÚDE PRODUZIDOS PELO TRABALHO

Renata Coelho Baptista¹

¹Assistente Social, Sanitarista (Fiocruz), Mestre em Saúde Coletiva (NESC/UFRJ)

Faculdade Redentor – Coordenação do Curso de Serviço Social – Itaperuna/RJ

Rua Tomáz Teixeira dos Santos, 148, Cidade Nova, Itaperuna-RJ, CEP: 28300-000

Fone: (22)38222338 – e-mail: rebaptista@uol.com.br

RESUMO

Este artigo trata de uma reflexão sobre a relação da saúde com o trabalho. O texto discute as manifestações de doença e outros agravos à saúde que são originados e produzidos pelo trabalho, aqui entendido como atividade de produção para satisfação das necessidades, de sobrevivência e de realização da sua espécie.

Para realizar esta reflexão sobre a relação saúde e trabalho, o texto discute ainda a forma como o trabalho está organizado na sociedade capitalista, e apresenta inclusive as formas de enfrentamento das doenças dos trabalhadores, em suas diferentes perspectivas ao longo da história na sociedade capitalista, enfatizando a perspectiva da saúde do trabalhador.

Neste sentido, a reflexão sobre a doença e outros agravos à saúde produzidos pelo trabalho se faz sob a perspectiva da saúde do trabalhador, bem como sob a perspectiva de que a base das relações sociais está na forma como os homens se organizam para produzir sua vida material. Desta forma, a reflexão sobre as diversas expressões da questão social, as mazelas sociais – dentre eles, as doenças e os acidentes do trabalho, objetos de nossa reflexão – deve basear-se na determinação da produção e as formas de enfrentamento das mesmas devem também situá-las na complexidade das relações sociais.

ABSTRACT

This article deals with a thought about the relationship between health and work. The text shows the manifestations of disease and other problems related to health that are originated and produced by work, here understood as an activity of production for satisfaction of needs of survival and of fulfillment of the species.

In order to make possible this thought about the relationship between health and work, the text shows the way work is organized in the capitalistic society, and shows even the ways of facing the worker's diseases in its different perspectives throughout history in the capitalistic society, emphasizing the perspective of the worker's health.

In this sense, the thought about the disease and other problems related to health produced by work is done regarding the perspective of worker's health as well as regarding the perspective that the basis of social relations lies in the way men organize themselves to produce their material life. Thus, the thought about the various expressions of the social problem, the social symptoms – among them, the disease and on-the-job accidents, objects of our thought - should base itself on the determination of production, and the ways of facing the social symptoms should also be held in the complexity of the social relations.

UNITERMOS: Saúde, trabalho, saúde do trabalhador, doenças ocupacionais.

KEYWORDS: Health, work, worker's health, occupational diseases.

1 INTRODUÇÃO

Diante da complexidade da discussão a respeito do assunto “Doenças e outros agravos à saúde produzidos pelo trabalho”, este texto visa trazer um pequeno panorama do tema, apresentando um desenho da discussão a partir do levantamento das diversas questões que determinam o fenômeno contido neste tema. Assim, não tem a pretensão de aprofundar as questões então levantadas, dada a complexidade do tema e o volume dos estudos produzidos a respeito de cada questão. Enquanto um trabalho que cumpre objetivos específicos, ele se limita a uma pequena apresentação da discussão.

O tema, por si só, já admite que o trabalho, enquanto atividade humana produtiva, na forma como ele se estrutura e se organiza, produz danos à saúde dos trabalhadores. Esses danos podem ser identificados através de doenças específicas (ocupacionais), acidentes de trabalho, mortes e outros diversos e inespecíficos danos.

Do ponto de vista da saúde do trabalhador, essa diversidade de manifestações dos danos à saúde possui uma complexa e múltipla determinação, categorizada como *processo saúde-doença* dos grupos humanos, neste caso, relacionado com o trabalho. Esse ponto de vista não se reduz a “estabelecer um vínculo causal entre a doença e um agente específico ou a um grupo de fatores de risco presentes no ambiente de trabalho” (Mendes e Dias, 1993: 383). É necessário que se considere também a determinação social da doença, bem como o modo de vida dos indivíduos¹, colocando em foco o processo produtivo e o trabalho. Além disso, a perspectiva da saúde do trabalhador avança ainda por considerar a subjetividade no processo saúde-doença, ou seja, busca explicar o adoecer e morrer dos trabalhadores, articulando o processo de trabalho a que são submetidos e o “conjunto de valores, crenças e idéias, as representações sociais e a possibilidade de consumo de bens e serviços, na ‘moderna’ civilização urbano-industrial” (Mendes e Dias, 1993: 383).

¹ Ou, nos termos de Tambellini, “os modos de andar na vida”. (Apud Laurell e Noriega, 1989)

O modo de adoecer e morrer dos trabalhadores, por ter uma multiplicidade de determinações, objetivas e subjetivas, apresenta-se de diferentes formas conforme modifica-se a combinação dos seus determinantes. Assim, varia de acordo com cada população ou grupo de trabalhadores, no que diz respeito ao tipo e organização do processo de trabalho, do tempo e espaço históricos, do perfil sócio-econômico e cultural desses trabalhadores, da estrutura e organização do trabalho na sociedade, da relação entre classes sociais, da forma como cada indivíduo ou grupo reage subjetivamente às agressões ao seu corpo.

Assim, para discutir a questão das doenças e dos agravos à saúde produzidos pelo trabalho, se faz necessário que haja uma reflexão a respeito do significado do trabalho para a sociedade humana, principalmente no modo de produção capitalista, bem como as mudanças desse significado ao longo da história e da dinâmica da relação entre capital e trabalho. Depois, então, uma reflexão a respeito da relação saúde e trabalho, ou seja, da determinação das diferentes formas de trabalho na saúde da população trabalhadora, bem como as diferentes lógicas que norteiam o enfrentamento do processo saúde-doença determinado pelo trabalho.

O SIGNIFICADO DO TRABALHO NA SOCIEDADE CAPITALISTA

A dimensão que o trabalho assume na vida do homem é incomensurável. Cada objeto que se utiliza no dia-a-dia da vida, cada serviço prestado, cada informação que se obtém, tudo isso contém trabalho, trabalho humano. Até mesmo os instrumentos que se utiliza para realizar outro trabalho contém trabalho. Numa ação cotidiana como tomar um banho, ao abrimos o chuveiro e ao cair água, esse fenômeno contém trabalho. Para que o objeto esteja pronto daquela forma, foi necessário que alguém trabalhasse para transformar o que antes era matéria prima, naquele produto, naquele objeto. Enfim, o trabalho está presente nas diversas faces da vida.

O modo de trabalhar, ou seja, o modo de produzir adotado por uma sociedade determina e transforma essa mesma sociedade. A forma como o homem transforma a natureza para produzir sua própria subsistência, ao mesmo tempo,

determina e reflete as relações sociais que o mesmo estabelece com outros homens, as suas idéias, a sua cultura e a sua representação da vida. À medida em que o homem modifica o mundo em que vive, ele ao mesmo tempo se modifica e se transforma. E o modo como ele modifica a vida e a si mesmo, olhado na sua raiz, revela quem ele realmente é.

“... Além do trabalho ser necessário para a manutenção da vida humana sobre a terra, ele também é fundamental para definir as condições de saúde de cada indivíduo, pois o momento do trabalho é o espaço privilegiado para a realização do ser humano enquanto espécie consciente de sua própria existência e de sua temporalidade “ (Merlo, 1991:3)

Neste texto, no entanto, nos limitaremos à reflexão do trabalho no mundo capitalista de produzir a vida material. Esse modo de produção cria uma forma específica de organização do trabalho, ao mesmo tempo em que essa organização se constitui a base do desenvolvimento de sistema capitalista. (Erber, 1982)

O processo de produção do modo capitalista, sob a lógica de Marx, possui duas faces que se realizam em conjunto: o processo de trabalho (de produção de bens) e o processo de valorização (de produção de mais valia) (Laurell e Noriega, 1989:105). Esse processo de produção funda-se na extração da mais valia no processo de trabalho. Essa forma de organização que o capitalismo cria para se caracterizar enquanto tal é, ao mesmo tempo, a base de todas as relações produtivas e sociais entre os homens que vivem sobre esse sistema. Assim todo o desenvolvimento capitalista reza como objetivo básico a intensificação da exploração do trabalho pelo capital, e que permeia todas as mudanças instauradas na produção de bens, ou seja, no processo de trabalho.

Avançando da extração da mais valia absoluta - que é a apropriação da produção excedente ao valor do salário através da extensão da jornada de trabalho - à extração da mais valia relativa - a diminuição do tempo de trabalho necessário através da intensificação do ritmo do trabalho e instauração da produtividade - o capitalismo modifica o processo de trabalho, técnico e tecnológico, e do ponto de

vista organizacional, com o fim básico de aumentar cada vez mais o potencial de acumulação do capital através da intensificação da exploração do trabalho.

Assim as mudanças no mundo do trabalho não residem apenas nos seus aspectos tecnológicos, mas inclusive nos seus aspectos políticos, no que diz respeito ao constante conflito entre capital e trabalho, inerente ao capitalismo, no processo de produção. Aspectos estes que também estão presentes “no fetichismo das mercadorias e das máquinas e na consciência da classe trabalhadora “ (Erber, 1982:4)

Para entender os determinantes das doenças e dos agravos à saúde do trabalhador no processo de produção capitalista, há que se analisar não só do ponto de vista técnico do processo de trabalho, como também os seus aspectos político, ideológico e cultural. Nesse ponto de vista considera-se, inclusive, as idéias, as crenças e cultura do conjunto de trabalhadores, construídos a partir do modo como se produz a vida material. Assim, de acordo com a formação ideológica e cultural de uma determinada população trabalhadora, se determina a forma como esses trabalhadores reagem às agressões direcionadas aos seus corpos pelo processo de produção exploratório a que são submetidos. Tudo isso irá determinar o modo de adoecer e morrer dos trabalhadores, que se configura um processo bastante complexo, que tem determinantes objetivos e subjetivos, e que tem natureza socialmente determinada.

2 O PROCESSO SAÚDE-DOENÇA E O TRABALHO NO CAPITALISMO E AS DIFERENTES FORMAS DE ENFRENTÁ-LO

Desde o início da industrialização, no século XIX na Europa, a exploração e o consumo da força de trabalho, submetida a processos desumanos de trabalho, têm trazido a necessidade de intervenção sobre o estado de saúde dos trabalhadores, por parte dos empregadores, para que se pudesse conservar e reproduzir sua mercadoria : a força de trabalho.

A *Medicina do Trabalho*, nascida ainda no século passado, se configurou a primeira forma clássica de enfrentamento do processo saúde doença dos trabalhadores da produção capitalista. Mais tarde, no início do século XX, que

configurou um período de superprodução e complexificação do processo de trabalho, houve um conseqüente aumento do número de acidentes de trabalho e doenças profissionais. A Medicina do Trabalho vem intervir através da figura do médico, sobre o corpo do trabalhador, sendo este apenas um objeto de sua intervenção. A Medicina do Trabalho baseia-se na concepção de “risco” para detectar os elementos que podem causar danos à saúde dos trabalhadores, no que diz respeito ao consumo da força de trabalho, visando conservá-la e reproduzi-la enquanto mercadoria necessária à produção.

No contexto da II Guerra Mundial, de avanço contínuo da tecnologia industrial e de novos processos mais avançados de produção, o aumento incontrolável de mortes - por acidentes e doenças do trabalho - enquanto também se perdiam muitas vidas na Guerra, começou a tornar a intervenção da Medicina do Trabalho insuficiente para a reprodução da força de trabalho. Emerge então a concepção da *Saúde Ocupacional* ou *Higiene Industrial*, apontando a necessidade de se deslocar a ênfase no corpo do trabalhador para o ambiente de trabalho. Nesse contexto, já se desenvolve o *modelo epidemiológico* multicausal de doenças, ou seja, a doença é produzida por uma combinação de vários riscos - os “fatores de risco” - rompendo com o modelo monocausal da Medicina do Trabalho. Nesse sentido, reconhece-se que para controlar o ambiente de trabalho e os diversos fatores de riscos (químicos, físicos, mecânicos, etc) de doenças no trabalho, é necessário uma lógica multiprofissional. Porém, essa multiprofissionalidade, na saúde ocupacional, se realiza de forma desarticulada entre as disciplinas. Neste modelo, o trabalhador permanece objeto, juntamente com o ambiente de trabalho, da intervenção dos profissionais, visando a reprodução da força de trabalho e o aumento da produção e acumulação capitalistas.

A década de 60 constituiu um cenário político e social marcado, mundialmente, por um movimento social renovado, que começa a questionar “o sentido da vida, o valor da liberdade, o significado do trabalho na vida, o uso do corpo ...” (Mendes e Dias, 1991:344). Nesse sentido, fica evidente a insuficiência da saúde ocupacional e emerge a concepção da *Saúde do Trabalhador*. Essa vertente focaliza o seu objeto, a sua ênfase, para o processo de trabalho, utilizando a concepção de classe social e, nesse sentido, valoriza o trabalhador deslocando-o da

posição de objeto para sujeito. A interdisciplinariedade é revista e busca-se construir uma relação mais articulada entre os diversos saberes, incluindo o dos trabalhadores.²

Importante ressaltar que essas diferentes vertentes de enfrentamento do processo saúde-doença relacionado ao trabalho surgem sempre contextualizada por um tempo histórico e um momento político. Não significa, no entanto, que a vertente que surge temporalmente primeiro seja superada ou banida com o surgimento da vertente temporalmente posterior, como se a história fosse linear e não dinâmica. Embora uma tenha surgido anteriormente à outra, elas podem coexistir, podendo também, obviamente, haver hegemonia de alguma delas, em determinados momentos históricos.

Falemos, portanto, do ponto de vista da *Saúde do Trabalhador*. Se a ênfase é o processo de trabalho que, como vimos no ponto anterior, supõe uma multiplicidade de determinações (objetivas e subjetivas) no modo de adoecer e morrer dos trabalhadores, a complexidade que se apresenta torna insuficiente a concepção de “fatores de risco” que se somam para produzir a doença do trabalho. Neste caso, a utilização da categoria “cargas de trabalho”, nos termos de Laurell e Noriega, é mais cabível para analisar as “condições ambientais” no que diz respeito ao processo de trabalho (Laurell e Noriega, 1989).

O conceito de “cargas de trabalho” se diferencia dos “fatores de risco” na sua amplitude porque, considerando a complexidade das determinações da doença presentes no processo de trabalho, esse novo conceito permite “extrair e sintetizar os elementos que determinam de modo importante o nexos biopsíquico da coletividade operária e confere a esta um modo histórico específico de ‘andar na vida’ “ (Laurell e Noriega, 1989: 110).

As cargas de trabalho constituem os elementos (objetivos e subjetivos) presentes no processo de trabalho que reagem dinamicamente entre si sobre o corpo do trabalhador gerando um desgaste, caracterizado como “perda da capacidade potencial e/ou efetiva corporal e psíquica” (Laurell e Noriega, 1989:

² Sobre as vertentes de enfrentamento das doenças e danos produzidos pelo trabalho, ver Mendes e Dias, 1991. A reflexão aqui apresentada a esse respeito teve importante contribuição das discussões realizadas no curso de especialização em Saúde do Trabalhador (CESTEH/ENSP/FIOCRUZ/1997) na disciplina de “Trabalho e Saúde”. Porém, a responsabilidade do que aqui está apresentado é inteiramente da autora do texto.

110). As cargas podem ter uma materialidade externa ao corpo ou podem materializar-se no próprio corpo do trabalhador. As primeiras constituem o seguinte grupo:

- Cargas Físicas (temperatura, umidade, etc);
- Cargas Químicas (metais, solventes, agrotóxicos, poeira, etc);
- Cargas Mecânicas (acidentes de trabalho);
- Cargas Biológicas (microorganismos)

As segundas, que se materializam no corpo do trabalhador, são:

- Cargas Fisiológicas (esforço físico, posição incômoda, alternância de turnos, etc);
- Cargas Psíquicas - São manifestações somáticas que podem ser:

Sobrecargas - tensão prolongada (atenção permanente, supervisão do trabalho sob pressão, consciência da periculosidade do trabalho, ritmos intensos de trabalho, etc)

Subcargas - impossibilidade de desenvolver ou fazer uso da capacidade psíquica (perda de controle sobre o trabalho; trabalho subordinado ao movimento da máquina; desqualificação - divisão entre a concepção e execução do trabalho; parcialização do trabalho; monotonia; repetitividade; etc) (Laurell e Noriega, 1989).

Esta sistematização dos diferentes tipos de cargas de trabalho cumpre um papel didático importante na compreensão dos determinantes do estado de saúde dos trabalhadores. Porém, na realidade, essas cargas se articulam. Por exemplo, um trabalho com alternância de turnos, aqui caracterizado como carga fisiológica, pode trazer outras cargas psíquicas que estão ligadas à sua relação familiar em função da permanente e específica ausência do ambiente familiar, estando sua presença na família muito mais subordinada às exigências do trabalho.

Assim, voltando à diferença da categoria “cargas de trabalho” do conceito de “fatores de risco”, como vimos, não é apenas uma diferença retórica, mas uma diferença qualitativa da amplitude da visualização das determinações do trabalho na saúde. Além de considerar outros tipos de cargas que dizem respeito a fatores submersos e nebulosos, e não menos importantes, avança da concepção de **soma** de fatores de risco para uma concepção de que a combinação da submissão a

diversas cargas de trabalho compreende uma **potencialização** do desgaste do trabalhador.

Por isso, juntamente com a noção de cargas de trabalho, a noção de desgaste do trabalhador vem completar a lógica que busca apreender a complexidade da questão da saúde e trabalho. As doenças e os agravos à saúde produzidos pelo trabalho podem ser considerados, então, como expressão visível e concreta desse desgaste.

Com relação às cargas fisiológicas e psíquicas, que são mais nebulosas e que estão submersas porque se materializam no corpo do trabalhador, elas, por isso mesmo, apresentam raras possibilidades de aferição, e então são pouco reconhecidas ou consideradas. A aferição dessas cargas só se faz possível através de observações coletivas ao longo do tempo, assumindo aí a epidemiologia, um papel fundamental e indispensável. E essa possibilidade de aferição, na forma coletiva como essas cargas se manifestam, só existe porque o trabalho, na produção capitalista, possui uma dimensão cada vez mais social.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É através do trabalho que o ser humano transforma a natureza para produzir sua vida material e satisfazer suas necessidades. E é através dele que o homem se diferencia dos outros animais, pela sua capacidade de raciocinar e utilizar sua criatividade. É através do trabalho que o homem, portanto, se realiza enquanto tal.

No entanto, no modo de produção capitalista o trabalho tende a cumprir o objetivo contrário. O processo produtivo capitalista é essencialmente contraditório, pois nele vivencia-se a socialização do trabalho e a acumulação privada. E quanto mais o capitalismo se desenvolve, o trabalho ganha uma dimensão cada vez mais social para que aumente cada vez mais a acumulação do capital.

A socialização do trabalho no capitalismo se caracteriza, principalmente pela parcialização da produção, onde a tendência é o homem perder o controle do que está produzindo. A parcialização do trabalho, a divisão social do trabalho, em que se separa a sua concepção da sua execução, caracterizam a alienação. Dessa forma, o capitalismo desumaniza o homem, pois através da alienação, o homem se

deteriora enquanto ser, se descaracteriza enquanto tal, pois a alienação destrói as possibilidades do homem trabalhador se realizar subjetivamente, através da sua capacidade de criação, inerente ao homem.

Além da alienação, outra característica essencial do processo produtivo capitalista é a exploração da força de trabalho, a partir da concepção desta enquanto mercadoria, enquanto peça componente da produção, e não enquanto vidas humanas. Dessa forma, a necessidade de enfrentar as consequências do desgaste dos trabalhadores oriunda da necessidade de reproduzir a força de trabalho para garantir a produção.

O trabalho, portanto, no processo de produção capitalista, se organiza de tal forma que, ao contrário de realizar o homem enquanto ser criativo, desumaniza-o. O desgaste dos trabalhadores é algo inevitável na organização do trabalho capitalista, e em consequência, no modo de vida capitalista. A dimensão cada vez mais social do trabalho no capitalismo não permite que se possa pensar em transformação da natureza pelo homem, de forma individual, mas necessariamente coletiva.

As doenças e os agravos à saúde produzidos pelo trabalho no capitalismo não podem ser entendidos apenas como fenômenos biofísicos, mas essencialmente como fenômenos sociais. A análise do processo saúde-doença deve estar, necessariamente, articulada à análise do processo de trabalho, e o modo de adoecer e morrer das pessoas não são fenômenos apenas naturais, mas socialmente determinados. As doenças e os agravos à saúde dos trabalhadores são expressão do desgaste destes, pela exposição às diversas cargas de trabalho inerentes ao processo produtivo capitalista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ERBER, F. S. A importância do Estudo do Processo de Trabalho - Uma Introdução. In: TRONTI, M. et al. **Processo de Trabalho e Estratégias de Classe**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

LAURELL, A. C. e NORIEGA, M. Para o Estudo da Saúde na sua Relação com o Processo de Produção. In: ----- **Processo de Produção e Saúde. Trabalho e Desgaste Operário**. São Paulo: Hucitec, 1989.

MARX, K. Processo de Trabalho e Processo de Valorização. In: ----- **O Capital. Crítica da Economia Política. Vol. I - Livro Primeiro - O Processo de Produção do Capital. Tomo I.** São Paulo: Victor Civita, 1983.

MARX, K. Conceito de Mais-Valia Relativa. In: ----- **O Capital. Crítica da Economia Política. Vol. I - Livro Primeiro - O Processo de Produção do Capital. Tomo I.** São Paulo: Victor Civita, 1983.

MENDES, R. e DIAS, E. C. Da Medicina do Trabalho à Saúde do Trabalhador. In: **Revista de Saúde Pública.** São Paulo n.25, p. 341-349, 1991.

MENDES, R. e DIAS, E. C. Saúde do Trabalhador. In: Rouquayrol, M. Z. **Epidemiologia e Saúde.** 4 ed. Rio de Janeiro: Medsi, 1993.

MERLO, A. R. **Processo de Trabalho e Saúde: Uma Introdução ao Tema.** Rio de Janeiro, ABRASCO (mimeo), 1991.